

# BULLYING E SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O AMBIENTE EDUCACIONAL

Viviane Alves dos Santos Bezerra <sup>1</sup>

Lilian Kelly de Sousa Galvão <sup>2</sup>

## RESUMO

O *bullying* é um grave problema de saúde pública que atinge crianças e adolescentes de todo o mundo, com sérias consequências psicológicas, sociais e afetivas para os diferentes atores envolvidos. Um dos efeitos mais nocivos deste fenômeno, que tem sido alvo do interesse de diversos pesquisadores, é o suicídio que vem aumentando consideravelmente entre adolescentes. Desse modo, o presente trabalho objetivou traçar relações entre os fenômenos do *bullying* e do suicídio na adolescência e apresentar uma proposta de intervenção que se baseia no desenvolvimento da habilidade empática para a prevenção desses fenômenos no ambiente educacional. Trata-se de uma proposta de intervenção, de natureza qualitativa, do tipo descritiva, que poderá ser realizada com adolescentes e jovens do ensino médio, inspirada em trabalhos anteriores que demonstraram que é possível promover a empatia em sala de aula com crianças e adolescentes. A intervenção apresentada deverá acontecer em 4 etapas: (1) aquecimento, onde ocorre a sensibilização e introdução dos participantes no tema a ser trabalhado; (2) dramatização, momento em que os participantes serão estimulados a experimentar o lugar do outro visando o desenvolvimento da empatia; (3) compartilhar, onde será realizada a reflexão e discussão acerca do que foi experienciado; e, (4) comportamento pró-social, etapa em que os participantes são incentivados a praticar o que aprenderam. Por fim, discute-se que a escola não é apenas um ambiente para a transmissão passiva de conhecimentos acadêmicos, mas sim, um local para a formação de sujeitos autônomos, comprometidos socialmente e habilitados para a convivência interpessoal.

**Palavras-chave:** *Bullying*, Suicídio, Adolescência, Intervenção, Empatia.

## INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento marcada por transições físicas, sociais e psicológicas, sendo caracterizada ainda, pelas mudanças na forma de se relacionar tanto no contexto familiar, quanto na escola (BARRETO; RABELLO, 2015; PRATTA; SANTOS, 2007). Nessa fase, devido à importância que o adolescente atribui às relações entre colegas, tornando-se assim, mais sensíveis às avaliações destes, constata-se um aumento da vulnerabilidade na vitimização entre pares (BROWN; BRASUN, 2013) e observa-se uma quantidade significativa de relatos de episódios de *bullying* (BARBOSA et al., 2016).

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [vivianebezerrapsi@gmail.com](mailto:vivianebezerrapsi@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Docente do Curso de Psicopedagogia da UFPB, [liliangalvao@yahoo.com.br](mailto:liliangalvao@yahoo.com.br);

O *bullying*, que devido a sua incidência e prevalência tem sido considerado um grave problema de saúde pública (KOWALSKI; LIMBER, 2012), pode ser definido como o hábito recorrente de perpetrar a agressão contra um indivíduo onde existe um desequilíbrio de poder entre a vítima e o perpetrador. Há no *bullying* a participação de três atores: o perpetrador ou agressor (que possuiu um desejo de demonstrar poder e sente necessidade de provocar e injuriar), a vítima (que, em função da violência sofrida, pode apresentar vários problemas em várias esferas da vida); e aqueles que testemunham e/ou incentivam (que podem ter sentimentos de medo, impotência para agir e serem tentados a participar) (AGUIAR; BARRERA, 2017).

Diferente da infância onde o *bullying* acontece majoritariamente por meio de atos como apelidar/xingar e por agressões físicas, como os socos e empurrões (ISOLAN, 2014), as formas de *bullying* a que os adolescentes estão expostos possuem características específicas, tornando-se mais sofisticadas e até mais difíceis de caracterizar como tal, sendo crescente a probabilidade de vitimização por meios cibernéticos e/ou relacionais (SCHREIBER; ANTUNES, 2015; TAVARES, 2012). O *bullying* cibernético ou *cyberbullying* é caracterizado por danos causados por meios eletrônicos, como mensagens de texto, *e-mails* ou ataques em redes sociais *on-line*. Já o *bullying* relacional é uma forma de agressão indireta e define-se pelo comportamento em que as relações sociais da vítima e a sua imagem são os alvos, como no caso de espalhar boatos e/ou incentivar a exclusão da vítima pelos pares (GUNN; GOLDSTEIN, 2017). Sublinha-se, no entanto, que além da idade, o sexo também é uma variável que interfere na prática do *bullying*, estando o sexo masculino mais associado às formas diretas de *bullying* (xingamentos, agressões) e o sexo feminino às formas indiretas (ISOLAN, 2014).

A literatura acerca do tema relata que as consequências causadas pelo *bullying* são inúmeras. Para as vítimas, entre os principais prejuízos estão: a baixa autoestima, a depressão, a fobia social e a ansiedade, além de consequências biológicas como: a insônia, enurese, dores de cabeça e dores abdominais. Já para os agressores, destacam-se como principais sequelas: problemas de conduta, hiperatividade, envolvimento com drogas, baixo comportamento social e baixa autoestima. No que se refere as consequências para aqueles que testemunham o *bullying*, nota-se que são limitados os estudos que investigaram essa dimensão, mas pode-se citar que esses atores tendem a apresentar dificuldades acadêmicas e sociais e descontentamento com o ambiente escolar (NETO, 2005; SCHREIBER; ANTUNES, 2015).

Para além de todas as consequências anteriormente mencionadas, a relação entre o *bullying* e o suicídio, outro grave problema de saúde pública, tem preocupado cada vez mais

os pesquisadores, considerando que a morte por suicídio ocupa o segundo lugar nas causas de falecimento da população entre 15 e 29 anos no mundo e o quarto lugar no Brasil (*World Health Organization*, 2019). A esse respeito, estudos nacionais e internacionais têm demonstrado que a prática do *bullying* tem se correlacionado positivamente com o suicídio entre adolescentes (BARBOSA, et al., 2016; GUNN; GOLDSTEIN, 2017; MARQUES, et al., 2019; PIGOZI; MACHADO, 2015). Estas pesquisas evidenciam que, embora não possa ser citado como a única causa para o comportamento suicida, o *bullying* aumenta significativamente a probabilidade da ocorrência desse comportamento entre adolescentes, especialmente na presença de outros fatores de risco sociais e psicológicos. Desse modo, a conclusão em comum que chegaram os autores do corpo de pesquisas ora mencionadas, é que os espaços educacionais, cada vez mais, devem empreender esforços buscando combater e prevenir a prática do *bullying*, não apenas para diminuir a violência no ambiente educacional, mas também com o objetivo de prevenir o suicídio.

Diante do exposto, considerando o desafio que se configura para os atores educacionais enfrentar esses dois graves problemas de saúde pública, e a falta de consenso sobre estratégias eficazes para enfrentar o *bullying* (PEPLER; CRAIG, 2011; PUREZA; MARIN; LISBOA, 2016), propõe-se, no presente trabalho, apresentar uma estratégia de intervenção baseada na promoção da empatia, que tem por objetivo prevenir e enfrentar o *bullying* no ambiente educacional e, ao mesmo, trabalhar questões relativas a prevenção do suicídio.

A respeito da empatia, destaca-se que especialistas em educação reconhecem cada vez mais que o ensino de habilidades empáticas não é só um extra cujo acréscimo é interessante, merecendo ser parte fundamental do currículo ao lado da leitura, escrita e matemática. Mary Gordon, fundadora do *Roots of Empathy*, programa de ensino da empatia mais inovador e bem-sucedido do mundo, defende que a educação para a empatia é vital para o bem-estar de crianças e adolescentes e uma pedra angular da inteligência emocional (GORDON, 2002; KRZYNARIC, 2015).

Ressalta-se que a empatia é conceituada por Martin L. Hoffman (2000), não como uma correspondência exata dos sentimentos do outro, mas sim, como “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar da outra, inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação da outra pessoa do que para sua própria situação” (p 285, tradução nossa). Partindo de uma concepção ontogenética da empatia, o autor defende que esta é uma habilidade que faz parte dos nossos genes e cooperou, ao longo da evolução, para a conservação da espécie humana, premissa que

atualmente é apoiada por diversos pesquisadores tanto da neurociência como da psicologia evolutiva (KRZARNIC, 2015). Uma das grandes contribuições de Hoffman (2000) para o estudo da empatia é a tese de que essa habilidade pode ser estimulada por meio de mecanismos de excitação empática, os quais o autor cita: o mimetismo, o *feedback* aferente, o condicionamento clássico, a associação mediada e a tomada de papéis (*role-taking*). Nesta concepção, compreende-se a existência de modos onde a empatia é uma resposta afetiva passiva e involuntária (modos primitivos), até modos cognitivamente superiores onde a resposta empática é voluntária e consciente.

Além de defender que a empatia é passível de ser estimulada, e logo, que somos capazes de nos tornarmos mais empáticos, Hoffman (1989, 1991, 2000) considera ainda que essa habilidade pode promover o comportamento pró-social e desestimular a agressão nas culturas guiadas pelos princípios do cuidado e da justiça. Desse modo, muitas pesquisas foram e continuam sendo desenvolvidas, buscando conhecer os benefícios da empatia para a vida do ser humano. De forma consensual, a empatia é reconhecida na literatura como uma habilidade que: (1) favorece o comportamento pró-social (DUTRA, et. al., 2017); (2) reduz comportamentos agressivos (DUTRA; GALVÃO; CAMINO, 2020); (3) funciona como fator protetor a violência (SILVA; CASAGRANDE, 2018); (4) é eficaz na prevenção do *bullying* entre crianças (BEZERRA, et al., 2017; SOUZA, 2017) e, por fim, (5) pode ser uma variável importante na prevenção do suicídio (MUELLER; WAAS, 2002; DANTAS, 2015).

Assim, diante das evidências que a empatia pode ser desenvolvida e das pesquisas que indicam que esta habilidade pode ser uma importante aliada no combate ao *bullying* e, concomitantemente, na prevenção do suicídio, é que o presente trabalho justifica a sua relevância, buscando somar ao corpo de pesquisas que investigam o importante papel da empatia na sociedade, bem como, contribuir para que o ambiente educacional seja cada vez menos palco de agressões e violências.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma proposta de intervenção, de natureza qualitativa, do tipo descritiva, que se baseia no desenvolvimento da habilidade empática para a prevenção do *bullying* e do suicídio no ambiente educacional.

Destaca-se, que a proposta de intervenção elaborada fundamenta-se nos resultados de estudos anteriores que já demonstraram que é possível promover a empatia em sala de aula com crianças e adolescentes (BEZERRA et al., 2017; DUTRA; GALVÃO; CAMINO, 2020;

GALVÃO, 2010) e norteia-se pelos modelos interventivos desenvolvidos e validados por Galvão (2010) e Dutra (2020).

Em seu trabalho de doutorado, Galvão (2010) demonstrou que estratégias interventivas que trabalham tanto o afeto, quanto as cognições são mais eficazes para a promoção da empatia, assim como, para o desenvolvimento moral. Por sua vez, Dutra (2020), em sua dissertação de mestrado, indicou que estratégias interventivas que fornecem informações sobre os temas abordados também são eficazes para desenvolver a empatia e podem reduzir comportamentos agressivos. Desse modo, adotou-se, na proposta interventiva que será apresentada, tanto a estratégia denominada por Galvão (2010) de Racional-Afetiva, que faz uso de exercícios psicodramáticos (MORENO, 2003) e rodas de conversa para a promoção do desenvolvimento empático, e a estratégia intitulada por Dutra (2020) de Informativa, que propõe que os participantes sejam expostos a conteúdos sobre o tema a ser trabalhado, nesse caso o *bullying* e suas consequências.

Acredita-se que o uso combinado dessas duas estratégias metodológicas podem trazer benefícios significativos para os participantes da intervenção, pois: 1) permitirá que os participantes se informem sobre o que é *bullying* e os danos que pode causar aos atores envolvidos; 2) experienciem, por meio de técnicas do psicodrama, o lugar do outro em uma situação de *bullying*, seja o agressor, a vítima ou a testemunha; e por fim, 3) que, por meio das rodas de conversa, reflitam sobre o que foi vivenciado, buscando o desenvolvimento de novas aprendizagens e mudanças de comportamento.

A intervenção foi planejada de modo que possa ser realizada por apenas um/a mediador/a, tendo em vista possibilitar que o/a professor/a ou outro/a educador/a possa executar essa atividade sem grandes mobilizações do corpo educacional. No que se refere ao número de participantes, sugere-se de 10 a 25 adolescentes, pois o objetivo é que todos possam participar ativamente da intervenção. Tratando-se da faixa etária indicada, esta atividade foi projetada para ser executada com adolescentes e jovens do ensino médio, podendo ser adaptada para alunos mais velhos e/ou mais novos e para outros ambientes educacionais.

Tomando por base pesquisas anteriores (BEZERRA et al., 2017; DUTRA; GALVÃO; CAMINO, 2020; GALVÃO, 2010), espera-se que o tempo para a realização da intervenção seja entre 50 e 60 minutos e siga quatro etapas com base no preconizado por Malaquias (2012) e Dutra (2020), a saber: aquecimento, dramatização, compartilhar e comportamento pró-social. Cada uma dessas etapas será descrita e discutida na seção seguinte.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que as formas mais comuns de *bullying* na adolescência são o *cyberbullying* e o *bullying* relacional (SCHREIBER; ANTUNES, 2015; TAVARES, 2012), a intervenção em tela pretende, por meio das etapas propostas, levar os participantes a refletirem sobre a prática do *bullying* e suas consequências, como, por exemplo, o suicídio. Para tanto, a intervenção buscará possibilitar que os participantes se coloquem no lugar do outro, com o intuito de fazê-los sentir como o outro se sente em relação a esse tipo de situação.

Inicialmente, na etapa do aquecimento, fase de preparação do grupo e do estabelecimento de *rapport* (MALAQUIAS, 2012), o ideal é que os participantes sejam introduzidos e sensibilizados a respeito do tema a ser discutido. Para fins desta intervenção, considerou-se três reportagens sobre casos de *bullying* que ocorreram no Brasil, a ideia é que os relatos sejam gravados, em primeira pessoa, e os estudantes possam ouvi-los com o auxílio de um celular ou gravador. Segue trechos dos três relatos escolhidos:

**Relato 1: Menina de 12 anos apanha na saída da escola (G1, 2013)** – Meu nome é Amanda, eu tenho 12 anos, estudo na Escola Estadual João Guidotti, em Morumbi, São Paulo. Na semana passada fui cercada e agredida por cinco meninas na saída da aula. Há cerca de um mês eu sou vítima de *bullying*. As pessoas me chamam de gorda e dizem que tenho um monte de estrias, além de baterem em mim, as meninas que me agrediram ainda filmaram a ação.

**Relato 2: Garoto de 10 anos sofre *bullying* por usar óculos (G1, 2014)** – Meu nome é João Pedro tenho 10 anos e estudo na cidade de Gilbués, no Piauí. Recentemente, fui agredido na saída da escola por usar óculos. Me bateram tanto que eu tive que ser levado para o hospital, chegaram a me agredir com um tijolo. Desde então passei a ter desmaios e convulsões frequentes.

**Relato 3: Jovem anuncia suicídio no Twitter após vídeo íntimo vazar nas redes sociais (BOL, 2013)** – Meu nome é Maria, sou mãe da Júlia Rebeca, que tinha 15 anos quando se suicidou após ter tido um vídeo íntimo vazado na *internet*. No vídeo, ela estava com um menino. Antes de se suicidar, ela anunciou a morte em suas redes sociais, e me pediu desculpas por não ser a “filha perfeita”. Encontrei minha filha morta dentro do próprio quarto.

Destaca-se que os presentes relatos foram escolhidos por apresentarem os requisitos necessários para propiciar uma visão geral do que ocorre em uma situação de *bullying* (atores

envolvidos e consequências desse tipo de ação) e, além disso, por serem adequados para estimular o mecanismo de excitação empática que Hoffman (2000) chamou de associação mediada. A associação mediada ocorre quando o estado emocional da vítima é comunicado ao observador por intermédio da linguagem (oral ou escrita) e pode produzir uma resposta empática por causa das propriedades físicas das palavras que se tornam estímulos condicionados, ou seja, estímulos que despertam emoções, sentimentos e lembranças. Nesse sentido, nota-se que desde o aquecimento os participantes terão, por meio dos recursos escolhidos, a sua habilidade empática estimulada, o que está de acordo com o sugerido por Upright (2002) que aponta que para planejar uma boa educação empática, é importante se escolher histórias adequadas. Sublinha-se que nessa proposta sugeriu-se o uso de áudio-gravações com os relatos supramencionados, mas que caso seja inviável o uso desse recurso, os relatos podem ser lidos pelo/a próprio/a mediador/a ou este/a, pode ainda, escolher alguns participantes para fazer a leitura.

Ainda no aquecimento recomenda-se, a partir da adoção da estratégia informativa (DUTRA, 2000), que os participantes sejam expostos a conteúdos acerca da temática em questão. O/A mediador/a poderá iniciar questionando aos participantes o que é *bullying*, e deixá-los falar livremente sobre o tópico. Após ouvir as respostas, o/a mediador/a deverá definir de forma simples e objetiva o que é *bullying* e suas diferentes formas de expressão (*cyberbullying*, *bullying* relacional) buscando diferenciar esse comportamento de brincadeiras saudáveis e consensuais que podem ocorrer entre colegas. Ademais, é importante ressaltar as consequências desse tipo de ação e, por isso, a importância de evitá-lo. Destaca-se que informar os participantes acerca do que é o *bullying* e suas consequências, é de fundamental importância, pois possibilita que esse fenômeno não seja banalizado por eles. A esse respeito, uma pesquisa demonstrou que, apesar de ser um tema amplamente discutido no ambiente escolar, há uma falta de compreensão dos adolescentes acerca do que é, de fato, *bullying* (PIGOZI; MACHADO, 2015), sendo necessário, assim, que os adolescentes sejam adequadamente informados sobre o tema.

Após o aquecimento, inicia-se a etapa da dramatização que tem como objetivo estimular a capacidade empática dos participantes a partir do exercício imaginativo de se colocar no lugar do outro (*role-taking*) (HOFFMAN, 2000). Sublinha-se que se trata de uma etapa fundamental e logo, a que deve ocupar o maior espaço de tempo da intervenção. Aqui, baseando-se na estratégia racional-afetiva de Galvão (2010), sugere-se que o/a mediador/a faça uso de técnicas psicodramáticas, tendo em vista que estas possibilitam aos sujeitos condições para a emergência de novos papéis sociais, experimentação do lugar do outro,

integração entre conhecimento adquirido e experiência vivida e a criação de modos alternativos de resolução de problemas (MORENO, 2003). Especificamente nessa intervenção, recomenda-se o uso da técnica denominada fantasia dirigida, que é compreendida como qualquer condução realizada por um diretor (mediador/a), em que os participantes são levados a lembrar de situações que já vivenciaram em algum momento de suas vidas, bem como são induzidos a imaginar lugares, personagens, etc. (RODRIGUES, 2007).

Para o uso adequado da técnica, o/a mediador/a deve pedir que os participantes mantenham os olhos fechados ou baixos, com o objetivo de concentração e introspecção. Para executar a fantasia dirigida, é importante, ainda, que o/a responsável pela intervenção ofereça comandos claros para que os participantes entendam exatamente o que devem fazer e participem ativamente da intervenção. Exemplos de instruções que podem ser oferecidas nesse momento seriam: “Fechem os olhos. Agora imaginem algum momento da vida de vocês onde passaram por alguma situação de *bullying*, seja como agressor, vítima ou apenas observador. Pensem no local onde estavam e quem eram as outras pessoas que estavam envolvidas. Agora tentem lembrar-se de como vocês se sentiram ao passarem por essa situação. Agora pensem nas outras pessoas, como vocês imaginam que elas se sentiram?”.

Por meio desses exercícios imaginativos, os participantes serão estimulados a relembrar situações em que foram vítimas, agressores ou observadores de *bullying*. Esse mecanismo é denominado por Hoffman (2000) como tomada de papéis (*role-taking*) e permite que ao imaginar-se no lugar do outro, o participante seja capaz de ofertar uma resposta empática adequada para a situação deste. A tomada de papéis, propiciada pelo exercício imaginativo em questão, pode ser classificada como autocentrada, pois, permite que os participantes façam associações com eventos reais de seu próprio passado, no qual realmente experimentaram o afeto que está sendo evocado. A tomada de papéis autocentrada, tem a vantagem de potencializar o afeto empático tendo em vista que, ao associarem a situação de outra pessoa com a sua própria, os participantes podem ter uma maior predisposição para aliviar o sofrimento da vítima (HOFFMAN, 2000).

No entanto, nota-se que além, de uma tomada de papéis autocentrada, as instruções ofertadas que, a priori, podem parecer simples possibilitam também a estimulação do mecanismo que Hoffman (2000) chama de tomada de papéis combinada. Esse mecanismo permite que, para além de focarem em suas próprias vivências, os participantes assumam o papel de outros, impedindo assim, que caiam em uma “deriva egoísta” ficando imersos em seus próprios sentimentos e experiências. A ideia é que, ao imaginar como se sentiram em cada uma dessas ocasiões e como imaginam que outras pessoas que passam por situações

semelhantes se sentem, sejam despertados nos participantes sentimentos como: a angústia empática, a culpa (por transgressão, por inação), raiva empática e a tristeza empática. Segundo Hoffman (2000), esses sentimentos empáticos podem promover uma reflexão e motivar aqueles que os sentem a comportamentos pró-sociais.

Após esse momento de introspecção, propiciado pela dramatização, o/a mediador/a deverá iniciar o momento de compartilhar. Nessa ocasião, os participantes terão a oportunidade de expressar suas percepções a respeito do que foi vivenciado, quais foram os momentos que recordaram, que sentimentos foram evocados com as lembranças, como foi a experiência de colocar-se no lugar de outra pessoa, se já haviam vivenciado isso em algum momento anterior, entre vários outros questionamentos que podem ser levantados a fim de que se possa estimular os participantes a compartilharem suas impressões sobre o experienciado. Aqui, fica nítida a importância de que o/a mediador/a domine as etapas da intervenção e tenha sensibilidade para saber conduzir a discussão a medida dos conteúdos que forem surgindo. Ao passo em que a discussão e os relatos saturarem, ou seja, tornarem-se repetitivos e não ofereçam nenhuma nova reflexão, o mediador deve começar a fechar esse momento de discussão.

Ainda no compartilhar, o/a mediador/a deverá investigar qual a impressão dos participantes sobre o encontro e o tema discutido, o que marcou, o que aprenderam, o que levarão de importante, e quaisquer outras perguntas que o/a mediador/a da intervenção considere pertinente. Esse momento pode ser usado pelo/a mediador/a como um *feedback* corretivo, onde este/a procura saber o que não funcionou e por quê, e desse modo, pode adequar intervenções e/ou atividades futuras conforme as necessidades do grupo.

Por fim, tendo em vista que o objetivo primordial de trabalhos dessa natureza é favorecer que aqueles que participam possam provocar mudanças em seu cotidiano, o encontro deve ser encerrado com a etapa denominada comportamento pró-social, em que os participantes têm a oportunidade de praticar o que aprenderam. Para essa intervenção, propõe-se que os participantes sejam convidados a escrever uma pequena carta para alguém envolvido em uma situação de *bullying* (seja vítima, agressor ou observador) a pessoa destinatário da carta pode ser real ou imaginária. Na carta deverão expressar empatia, demonstrando que compreendem como a pessoa destinatária se sente e tentar buscar alternativas para que aquela situação não mais aconteça, ou seja, como prevenir o *bullying*. Nesse momento, mais uma vez os participantes serão estimulados a praticarem a tomada de papéis e, a partir disso, a encontrarem soluções para o *bullying* baseadas no cuidado e na preocupação com o outro.

Ressalta-se, que na proposta de intervenção descrita buscou-se não apenas apresentar uma estratégia de enfrentamento ao *bullying* no ambiente educacional, mas também uma metodologia que, indiretamente atua na prevenção do suicídio, ao expor que a prática do *bullying* pode ser um fator de risco para este fenômeno. Nota-se, ademais, com base no que foi defendido por Hoffman (2000), que para promover o desenvolvimento da empatia foram adotados diferentes modos de excitação empática, sendo estes a associação mediada e a tomada de papéis autocentrada e combinada. Segundo o autor, o uso de muitos modos permite que a empatia seja despertada a partir de diferentes pistas disponíveis. Nesse sentido, ao verem, ouvirem ou apenas pensarem em uma situação de *bullying* os sentimentos que foram experimentados pelos participantes na intervenção podem vir à tona, e assim, motivá-los a evitar e/ou interferir nessa situação.

Por fim, pontua-se que se tratando de uma proposta de intervenção, os recursos utilizados em cada uma das etapas descritas podem ser adaptados para alcançar diferentes objetivos e públicos. Ressalta-se também, que apesar de ter se focado no fenômeno *bullying*, este modelo interventivo pode ser adaptado para a discussão de vários outros temas pertinentes para o trabalho com adolescentes e jovens como o preconceito, as relações familiares, amorosas, o uso abusivo de substâncias, entre outras questões tão necessárias de serem debatidas nesta etapa da vida, mas que muitas vezes não se tem conhecimento de como abordá-las ou incluí-las na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo traçar relações entre o *bullying* e o suicídio na adolescência, além de apresentar modelo interventivo para o enfrentamento destes fenômenos no ambiente educacional. Diante do exposto, considera-se que este objetivo tenha sido alcançado. No entanto, destaca-se que o presente trabalho possui limitações, como o fato de apresentar uma proposta de intervenção que ainda não foi executada, e assim pode estar sujeita a problemas em sua execução que não foram previstos e/ou descritos aqui. Tem-se consciência ainda, de que essa proposta é apenas uma possível estratégia de prevenção ao *bullying* e ao suicídio, e que não será uma única intervenção ocorrida isoladamente, que irá transformar toda uma conjuntura que está por trás das ações de violência dirigidas ao outro e autoinfligidas, sendo necessário considerar a existência de outras variáveis que transcendem os espaços educacionais.

Todavia, destaca-se novamente, que a proposta aqui apresentada se baseou em trabalhos anteriores que se mostraram exitosos e por isso, acredita-se que sua adoção para o enfrentamento do *bullying* e do suicídio no ambiente educacional pode propiciar uma série de benefícios. Defende-se assim, a potencialidade desse tipo de estratégia para promoção de uma cultura de paz e para o desenvolvimento saudável dos atores que compõem o espaço educacional.

Sabe-se que os espaços educativos, em especial a escola, foram, durante muito tempo, caracterizados como espaços que tinham como função social a passagem de conteúdos curriculares formais, onde os sujeitos eram preparados apenas para ter profissões. A relação ensino-aprendizagem era majoritariamente marcada pelo ensino de conteúdos da lógica matemática, linguística e memória, negligenciando outras dimensões constitutivas da pessoa humana, tal como o conhecimento e expressividade das emoções, e o desenvolvimento da moralidade. Contudo, hoje é possível observar mudanças nesse panorama, tendo em vista que diferentes atores educacionais perceberam que na vida cotidiana o ser humano precisa lidar com situações como violência, preconceito, exclusão social, diversidade, entre outros, e que para lidar com tais problemáticas é necessário desenvolver habilidades e conhecimentos além dos acadêmicos formais, sendo pertinente investir em uma educação voltada também para o desenvolvimento emocional dos sujeitos.

É fundamentado-se nessa perspectiva que defende-se que a promoção da empatia pode ser uma importante aliada no enfrentamento ao *bullying* e ao suicídio no ambiente escolar, tendo em vista que essa habilidade possui um papel importante para a formação de sujeitos autônomos, comprometidos socialmente e habilitados para a convivência interpessoal.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsas de Iniciação Científica e Mestrado ao longo dos anos de pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, L. G. F.; BARRERA, S. D. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. *Psicologia: Ciência & Profissão*, v. 37, n. 3, p. 669-682. 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002922016>

BARBOSA, A. K. L.; PARENTE, T. D. L.; BEZERRA, M. M. M.; MARANHÃO, T. L.G. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. *Revista Multidisciplinar e de*

Psicologia, v. 10, n. 31, p. 202-220. 2016. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/501/0>>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando Famílias**, v. 19, n. 2, p.34-42. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004)>. Acesso em: 29 de agosto de 2015.

BEZERRA, V. A. S. CABRAL, D. G.; SILVA, C. M.; GALVÃO, L. K. S. Desenvolvimento de habilidades sociais empáticas na educação infantil. In.: **Anais IV CONEDU**. João Pessoa: Realize Editora, 2017. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA9\\_ID386\\_09092017115508.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA9_ID386_09092017115508.pdf)>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

BEZERRA, V. A. S.; SILVA, C. M.; SILVA, M. J. M.; DUTRA, M. P.; GALVÃO, L. K. S. O psicodrama como ferramenta para a promoção da empatia na infância. In.: **Anais IV CONEDU**. João Pessoa: Realize Editora, 2017. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA11\\_ID386\\_28082017192515.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA11_ID386_28082017192515.pdf)>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

BOL, UOL. **Jovem anuncia suicídio no Twitter após vídeo íntimo vazar nas redes sociais**. 2014. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2013/11/14/jovem-anuncia-suicidio-no-twitter-apos-video-intimo-vazar-nas-redes-sociais.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

BROWN, B. B.; BRAUN, M. T. Peer relations. In C. PROCTOR; P. A. LINLEY (Eds.). **Research, applications, and interventions for children and adolescents: A positive psychology perspective** (pp. 149–164). 2013. New York, NY: Springer.

DANTAS, N. D. S. M. **Ideação suicida e empatia**: um estudo correlacional em estudantes de medicina de uma universidade pública. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 85f, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15251>>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

DUTRA, M. P. **Avaliação de estratégias para a redução de comportamentos agressivos em crianças de 9 a 12 anos**. Dissertação de Mestrado (Não publicada). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S.; SILVA, A. S.; ABREU, G. A.; GALVÃO, L. K. S. Empatia e comportamento pró-social: intervenção educacional na infância. In.: **Anais IV CONEDU**. João Pessoa: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36711>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

DUTRA, M. P.; GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. **Braz. J. of Develop.**, v. 6, n. 7, p. 46497-46505, 2020. <<http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-326>>

G1, GLOBO. **Menina sofre bullying e apanha na saída da escola em Piracicaba, SP**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/09/menina->

[sofre-bullying-e-apanha-na-saida-da-escola-em-piracicaba-sp.html](#)>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

G1, GLOBO. **Garoto de 10 anos sofre bullying e é agredido na escola por usar óculos.** 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/10/garoto-de-10-anos-sofre-bullying-e-e-agredido-na-escola-por-usar-oculos.html>>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia:** medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299f, 2010. Disponível em: <[http://empatianaescola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/SOUSA-GALVÃO-L.\\_\\_\\_\\_Desenvolvimento-Moral-e-Empatia\\_Medidas-Correlatos-e-Intervenções-Educacionais-.pdf](http://empatianaescola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/SOUSA-GALVÃO-L.____Desenvolvimento-Moral-e-Empatia_Medidas-Correlatos-e-Intervenções-Educacionais-.pdf)>. Acesso em: 17 de agosto de 2020

GORDON, M, “Roots of empathy”: Responsive parenting, caring societies, **Keio Journal of Medicine**, v. 52, n. 4, p. 236-243. 2002. <<https://doi.org/10.2302/kjm.52.236>>.

GUNN, J. F.; GOLDSTEIN, S. E. Bullying and Suicidal Behavior during adolescence: a developmental perspective. **Adolescent Research Review** v. 2, n. 77, p 77-97. 2017. <<https://doi.org/10.1007/s40894-016-0038-8>>

HOFFMAN, M. L. Empathy, role taking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N.; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Eds.). **Social and moral values: individual and societal perspectives.** (pp. 139-152). 1989.

HOFFMAN, M. L. Empathy, social cognition and moral action. In W. M. KURTINES; J. L. GEWIRTZ (Eds.). **Handbook of Moral Behavior and Development** (pp. 271-305). New Jersey: LBA. 1991.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development:** implications for caring and justice. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2000. <<https://doi.org/10.1017/CBO9780511805851>>

ISOLAN, L. Bullying escolar na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 16, n. 1, p. 68-84. 2014. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v16n1a07.pdf>>. Acesso em: 19 de Agosto de 2020.

KOWALSKI, R. M.; LIMBER, S. P. Psychological, Physical, and Academic Correlates of Cyber Bullying and Traditional Bullying, **Journal of Adolescent Health**, v. 53, n. 1, p. 13-20, 2012. <[10.1016/j.jadohealth.2012.09.018](https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.09.018)>

KOYANAGI, A.; HANS, O.; CARVALHO, A. F.; SMITH, L.; HARO, J. M.; VANCAMPFORT, D.; STUBBS, B.; DEVYLDER, J. E. Bullying Victimization and Suicide Attempt Among Adolescents Aged 12–15 Years From 48 Countries. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 58, n, 9, p. 907-918. 2019. <<https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.10.018>>

KNZARIC, R. **O poder da empatia:** a arte de colocar-se no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar. 2015.

MALAQUIAS, M. C. Teoria dos grupos e psiquiatria. In: CONCEIÇÃO, M, I, G.; NERY, M. P. (Org.) **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. (pp. 11-39). São Paulo: Ágora. 2012.

MARQUES, E. R. R.; MELO, E. C.; FERNANDES, G. L.; JÚNIOR, J. O. M.; ANDRADE, A. L. F.; OLIVEIRA, R. G. O bullying e os danos à saúde mental. **Temas em Saúde**, v. 19, n. 4, p. 290-321. 2019. Disponível em: <<http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/09/19418.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MUELLER, M. A.; WASS, G. A. College students' perceptions of suicide: the role of empathy on attitudes, evaluation, and responsiveness. **Death Studies**, v. 26, n. 4, p. 325-341. 2002. <<http://dx.doi.org/10.1080/074811802753594709>>

NETO, A. A. L. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172. 2005. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>>

PEPLER, D.; CRAIG, W. Bullying Special Edition Contributor. 2011. Disponível em: <<http://www.education.com/reference/article/role-of-adults-in-preventing-bullying/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509-3522. 2015. <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>>

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256. 2007. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>>

PUREZA, J. R.; MARIN, A. H.; LISBOA, C. S. M. Intervenções para o fenômeno bullying na infância: uma revisão sistemática da literatura. **Interação em Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 341-352. 2016. doi: <10.5380/psi.v20i3.34995>

RODRIGUES, R.; COUTINHO, E.; BAREA, J. Psicodramas públicos e teatro de reprise: Alice em busca do país da liberdade e da transformação. **Revista brasileira de psicodrama**, São Paulo. v. 20, n. 1, p. 155-171. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010453932012000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932012000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

SCHREIBER, F. C. C.; ANTUNES, M. C. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 35, n. 88, p. 109-125. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2015000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008)>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.

SILVA, P. G.; CASAGRANDE, C. A. Empatia e comportamentos agressivos: um olhar sobre a infância. In: **XIV Semana Científica da Universidade La Salle**. Canoas, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2018>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

SOUZA, E. K. O. **Educando para a empatia**: um projeto *antibullying*. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 37f, 2017. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18651/1/2017\\_EliakimKaiamOliveiradeSouza.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18651/1/2017_EliakimKaiamOliveiradeSouza.pdf)>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

TAVARES, H. Cyberbullying na adolescência. **Nascer e Crescer**, v. 21, n. 3, p. 174-177. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0872-07542012000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542012000300016)>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.

UPRIGHT, R. L. To Tell a Tale: The Use of Moral Dilemmas to Increase Empathy in the Elementary School Child. **Early Childhood Education Journal**, vol. 30, n. 1, p. 15-20. 2002. doi: <10.1023 / a: 1016585713774>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in the world**: global health estimates. EUA: World Health Organization. 32p. 2019.